

A história de Kalidas

Por Julien Elfer

Há muitos séculos, nos arredores de uma pequena aldeia perto de Ujjain, onde hoje é o estado indiano de Madhya Pradesh, vivia uma criança órfã conhecida simplesmente como Das. Acolhida desde muito nova por um bondoso pastor de cabras, a criança passou a conhecer os costumes das cabras e, por fim, assumiu o controle do rebanho por conta própria. Ele cresceu e se tornou um jovem incrivelmente bonito que, com sua fala e seus modos simples e inocentes, era adorado pelos aldeões. Eles eram atraídos especialmente por sua pureza de coração, tão evidente na forma como ele inundava de amor suas cabras e na encantadora doçura de sua voz ao cantar.

O governante da região nesse período era o rei Vikramaditya. Sua única filha, a princesa Vidyottama, famosa tanto por sua grande beleza quanto por sua inteligência afiada, tornou-se orgulhosa e arrogante e proclamou que nunca se casaria com um homem que não fosse tão intelectualmente capaz quanto ela.

O rei implorou a ela repetidas vezes que se casasse com seu companheiro de infância, o brilhante acadêmico e nobre ministro-chefe Vararuchi, que amava a princesa com uma paixão não correspondida. Mas toda vez que o rei fazia esse pedido, a princesa se recusava.

Finalmente, por insistência dela, o rei Vikramaditya concordou com um plano para encontrar um pretendente elegível. Ele organizou vários debates públicos entre a princesa e os maridos em potencial. Cada um desses debates inevitavelmente terminava com a princesa vitoriosa e os competidores decepcionados indo embora de cabeça baixa.

Em meio a tudo isso, Vararuchi não encontrava remédio para a dor da rejeição que envenenava seu coração. Durante uma noite sem lua, ele juntou alguns pertences e, furtivamente, foi embora do palácio. Caminhando por muitas semanas, procurando esquecer o sofrimento que o dominava, ele vagou sem direção, dormindo onde quer que fosse vencido pela exaustão.

Certa manhã, foi acordado bem cedo por um estranho som áspero no céu, diretamente acima dele. Olhou para cima e, para sua total incredulidade, viu um jovem montado em um galho da árvore e serrando-o com grande prazer. Só que ele estava serrando o galho no tronco e com certeza cairia e quebraria o pescoço.

— Ei, idiota! — Vararuchi gritou — O que está fazendo? Você vai se matar!

O jovem ergueu os olhos, surpreso com a interrupção, e abriu um largo sorriso.

— É para as cabras! — ele disse simplesmente, aparentando não ter consciência do perigo.

— Não! Eu quis dizer... — começou Vararuchi, mas já era tarde demais. Com um movimento final da serra, o galho cedeu e o pastor se esborrachou no chão. No momento seguinte ele se levantou, balançando o galho como um troféu e rindo.

— Para as cabras! — repetiu, com a mesma alegria de antes.

Vararuchi olhou para ele com espanto. Estava prestes a repreender o homem por sua estupidez, mas havia algo naqueles olhos grandes e brilhantes — um humor e uma sensibilidade que lhe pegaram de surpresa.

Num lampejo, ocorreu a Vararuchi um plano tão perfeito que ele caiu na risada e deu um tapinha no ombro do homem.

— Qual é o seu nome?

— Das, senhor.

— Esplêndido, Das! Seu rei ordena sua presença na corte.

O pastor de cabras olhou em volta ansiosamente e coçou o peito.

— Mas as cabras... — disse ele, melancolicamente.

Vararuchi agitou a mão com indiferença e empurrou Das em direção à estrada.

— Faça exatamente o que eu disser, e tudo ficará bem com você e suas cabras.

Em três dias, cidadãos de todas as partes lotaram o grande salão do palácio, pois Vararuchi tinha enviado mensageiros por todo o reino anunciando a inesperada chegada de um misterioso e incomparável erudito que queria desafiar a princesa. Pouco se sabia sobre sua origem, embora circulassem histórias de que ele havia sido um prodígio; que tinha crescido desiludido com o que se chamava de conhecimento; e que, refugiando-se no imponente Himalaia, tinha descoberto o poder do silêncio profundo. Portanto, ele iria debater com a princesa somente em absoluto e inviolável silêncio. Gestos — se estritamente necessário — poderiam ser usados para fazer uma afirmação.

Um silêncio caiu sobre a multidão quando Das adentrou o palácio. A princesa estava de pé na extremidade do corredor, estudando seu oponente com olhos atentos. Vararuchi tinha enfeitado Das como um rajá, uma autoridade. O pastor de cabras vestia um casaco ricamente bordado que ia até os tornozelos, chinelos cravejados de joias e um turbante roxo da mais fina seda. Ele tinha sido instruído a não pronunciar nem uma única palavra durante o debate; deveria simplesmente entrar no jogo com os movimentos que lhe viessem à mente, sem se preocupar com o resultado.

Ao final do dia, ele seria parte da realeza, e lhe dariam um banquete como ele nunca havia imaginado. Então, lá estava Das, naturalmente admirado e curioso, descontraído e pronto no meio do salão.

A princesa se aproximou dele, analisando cada detalhe com seu olhar inteligente. Depois de uma pausa considerável, ela mostrou um único dedo. Das contra-atacou, mostrando dois dedos. Parecia que a princesa esperava exatamente essa resposta, pois respondeu rapidamente mostrando três dedos. Das parou para analisar, colocando a mão sobre a boca e suspirando levemente. Ele deu de ombros e mostrou quatro dedos. Com isso, a princesa triunfantemente mostrou todos os dedos da mão direita, certa de sua vitória. Mas Das cruzou os braços sobre o peito e balançou a cabeça furiosamente. Olhando diretamente para a princesa, ele subitamente bateu com o punho direito na palma da mão esquerda e agitou os braços com desdém. A princesa parecia pálida e derrotada. Depois do que pareceu uma eternidade, ela disse gentilmente:

— Eu admito. Você realmente é o maior erudito que já conheci!

A multidão reunida irrompeu em aplausos. Enquanto o rei Vikramaditya enxugava as lágrimas de alívio, Vararuchi sorriu com uma profunda e cínica satisfação.

Bem, na cabeça da princesa, o debate se desenrolou desta forma: com um dedo, ela afirmou que a Verdade era una e indivisível. Ao mostrar dois dedos, o elegante sábio tinha pedido que ela explicasse a dualidade, e ela então proclamou as três *gunas*. Com segurança, ele respondeu mostrando quatro dedos, significando a sabedoria eterna dos quatro Vedas. Sem a mínima autocongratulação, ela ergueu a mão inteira, rebatendo com as cinco camadas que obscurecem o Ser. Mas então, com incomparável convicção, o sábio bateu com o punho sobre a palma da mão aberta, declarando diante de todos que somente quando a mente e o ego da princesa finalmente aceitassem seu desamparo ela se renderia e compreenderia a Verdade. Naquele momento, ela achou o olhar dele tão

puro e penetrante que foi vencida pelo coração. Ela simplesmente não podia negar essa vitória espiritualmente magistral.

Por sua vez, Das estava apenas seguindo o plano com ávida expectativa sobre o banquete que aconteceria depois. Então, quando a princesa mostrou um dedo, Das pensou que ela estava indicando que o prêmio do debate seria um único *roti*, seu pão favorito! Isso parecia uma mixaria considerando tudo que ele passou. E ele não se importava de pechinchar um pouco, uma vez que estava cansado e com fome, e tinha feito tudo o que lhe haviam pedido. Ele disse que aceitaria dois. O jogo continuou... Mas quando a princesa sugeriu cinco *rotis*... Bem, aquilo era falta de educação e muita gula, e qualquer um que se empanturrasse desse jeito merecia receber um tapa na orelha e ser mandado embora.

O casamento aconteceu com uma fanfarra diferente de tudo o que os cidadãos da capital jamais viram. No entanto, não demorou para que a princesa Vidyottama descobrisse a fraude. Finalmente a sós com o noivo, ela descobriu que aquele colosso intelectual passava seu tempo brincando nos jardins do palácio, se pendurando nas árvores como uma criança, e cantando para si mesmo. Toda tentativa de envolvê-lo em uma conversa séria era recebida por ele com um riso confuso.

Ficou dolorosamente claro que Vararuchi, de maneira astuciosa, lhe empurrara aquele tolo por vingança pela indiferença dela ao amor dele. E, mesmo sentindo um genuíno e caloroso afeto por esse belo jovem que falava com tanto amor e entusiasmo sobre sua vida junto às cabras, seu orgulho estava profundamente ferido. Quando não conseguiu mais conter a raiva fervendo dentro de si, ela parou diante de Das e revelou cada detalhe do plano de vingança de Vararuchi. Com uma pontada de arrependimento, ela observou Das lutando para entender o que ela estava dizendo. Finalmente, os ombros dele caíram e um abatimento pálido tomou conta de seu rosto. Pela manhã, ele havia ido embora.

Das fugiu noite adentro, com as palavras ásperas que a princesa havia proferido repercutindo dentro dele. Apenas algumas horas antes ele era Das, o pastor de cabras, em uma estranha e engraçada aventura. Mas agora ele entendia que tinha sido cruelmente enganado e feito de bobo. Era um estranho nesta terra, ao mesmo tempo digno de pena e ridicularizado. O inocente e bondoso Das não conseguia compreender como uma pessoa podia ser tão má.

À medida que as árvores lançavam sombras contra a pálida luz do amanhecer, o suave chuvisco que persistia há algum tempo ficou mais forte. Nos campos, a certa distância, ele avistou um templo da Devi, sólido, solitário e convidativo. Talvez a deusa tivesse piedade dele. No interior fresco e cavernoso, uma única lamparina de *ghee* cintilava no altar. Tudo estava quieto e tranquilo. Ele parou por um momento, ouvindo o silêncio que o envolvia, inspirou profundamente, prostrou-se e começou a chorar. Sua confusão e agitação interior se juntaram numa única oração à deusa, que emanava do coração:

— Ó Mãe! Quem sou eu?

O templo onde ele se refugiara era sagrado para a Deusa Kali. A Devi tinha saído para caminhar, como era seu costume, nas horas que precedem o amanhecer, quando ninguém estava por perto. Quando ela voltou para casa, tentou abrir a porta e viu que estava trancada por dentro.

— Quem está aí? — gritou ela.

Ouviu-se um arrastar de pés e um ruído abafado no interior, depois tudo ficou quieto novamente.

— Olá? — ela chamou novamente.

O silêncio continuou. Então ela bateu na porta três vezes e, com uma voz poderosa que ressoou na quietude da madrugada, ela exigiu com firmeza:

— Abra a porta!

Desta vez a resposta foi clara:

— Vá embora! Por favor! Deixe-me em paz!

Shri Kali reconheceu aquela voz. Ela já a tinha ouvido antes. Ela discerniu, sob o medo e a confusão, a devoção constante e o anseio puro de um devoto que em vidas passadas lhe havia dedicado adoração profunda e longos anos de serviço. A deusa sabia que o destino e um grande mérito haviam arranjado esse encontro.

— Ah! — ela murmurou baixinho — Então você veio.

Encostada na porta, ela disse:

— Deixe-me ver seu rosto.

Ela ouviu um movimento atrás da porta e disse gentilmente:

— Mostre a Kali sua língua.

Lá dentro, Das sentia-se compelido a reagir às palavras dela. Abriu a porta cautelosamente e mostrou sua língua pela abertura. Com infinito cuidado e compaixão, a Deusa Kali estendeu um dedo e traçou um mantra na língua dele.

Para Das, naquele momento foi como se ela tivesse colocado um carvão incandescente na sua boca. Ele ficou paralisado de admiração. Fragmentos de memória surgiram em profusão, como num sonho: uma jornada vasta e inimaginável fazia parte dele. Conhecera a pobreza e a abundância, a obscuridade e a fama e, não obstante, em uma encarnação após a outra ele havia se refugiado na Devi e servido a ela com um coração puro. A imensa *tapasya* de inúmeras vidas passou em um instante diante de sua visão interior.

Ele começou a suar enquanto observava a luz se mover, mais rápida que a respiração, da boca para a garganta, o coração, a barriga. Sentia um desejo irresistível de falar, ou de cantar — não sabia qual dos dois. Sabia apenas que, se começasse, aquilo não teria fim. Com resplandecente clareza, viu a inspiração divina que irradiava do interior na forma dos sons — das letras e palavras em sânscrito — e das imagens que dançavam em êxtase a partir daquela bola de luz. Era aquilo, ele percebeu, que dava à vida seu poder. Era a deusa cantando dentro dele. Isso era incomparável.

Ele abriu os olhos, piscando para expelir as lágrimas, e encontrou a Deusa Kali de pé diante dele. Ela brilhava com o mesmo esplendor divino, e seu rosto reluzia com afeição. Sua risada parecia que vinha de todos os lados.

— Ah, — ela suspirou — Kalidas!

E foi assim que o jovem pastor de cabras, sem instrução nas palavras, mas puro de coração, foi iniciado pela graça divina da deusa. E nos anos seguintes ele ouviu com atenção obstinada e crescente fascínio enquanto aquele mantra se repetia e se aprofundava no interior. Noite e dia, sozinho ou acompanhado, sua mente permanecia absorta naquela vibração sublime. O que por tanto tempo se manteve em silêncio dentro dele agora encontrou uma voz. E essa voz levaria Kalidas a se tornar um poeta, dramaturgo, brilhante cortesão e um dos mais renomados e extasiados poetas de todos os tempos na Índia — o que lhe valeu o epíteto de “Mahakavi”, o Grande Poeta.

